

OFÍCIOS TRADICIONAIS E EXPRESSÕES CULTURAIS: uma cartografia social da comunidade de Goiabeiras Velha – Vitória/ ES*.

Lucieni de Menezes Simão

RESUMO: A oficina de mapeamento social dos ofícios tradicionais (paneleira, benzedeira, pescador e marisqueiro), das expressões culturais (congo, folia de reis e brincadeira do boi) e dos conhecimentos associados ao ecossistema manguezal vigentes no bairro de Goiabeiras Velha, na cidade de Vitória, resultou em uma série de questionamentos sobre as políticas públicas para esses segmentos ditos “tradicionais”. Em Goiabeiras Velha, ainda se observam áreas de mata nativa e de mangue, apesar dos constantes aterramentos dos canais e do loteamento dos antigos quintais. O conhecimento sobre o mangue e o meio ambiente sempre fez parte do cotidiano dos moradores desta localidade, situada na parte norte e continental da capital do Espírito Santo. Nossa idéia da cartografia social foi suscitar o debate sobre os modos de apropriação do espaço social de Goiabeiras Velha.

PALAVRAS-CHAVES: 1. Cartografia social; 2. Ofícios tradicionais; 3. Expressões culturais.

Um 'território tradicionalmente ocupado' no tecido urbano da capital capixaba

Com os problemas de uma cidade insular que precisa acomodar um número cada vez maior de habitantes, Vitória tem sofrido com as dificuldades de ampliação de sua malha urbana. Nesse processo de expansão, boa parte da orla e do mangue que circundam a ilha foi aterrada, pontes foram construídas para fazerem a ligação com o continente e novos bairros foram sendo planejados de modo que, com o tempo, o desenho ou mapa da cidade foi sendo modificado. A cidade se expandiu para o norte, em direção ao aeroporto Eurico Sales.

* Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

Até o início da década de 1940, o distrito de Goiabeiras pertencia ao município da Serra, vizinho a Vitória, situado na parte norte e continental. Goiabeiras era constituída de baixadas cobertas de manguezais e teve sua ocupação como área de periferia urbana há mais de 80 anos quando todo este território passou a pertencer à cidade de Vitória, que crescia em termos populacionais, urbano e socioeconômico. Portanto, com a incorporação do antigo distrito da Grande Goiabeiras, a expansão para o continente cumpria a função de ampliação do tecido urbano e Vitória adquiria as características espaciais da atualidade. A partir da crescente urbanização da década de 1960, o antigo distrito se fragmentou nos bairros de Goiabeiras, República, Jabour, Sólon Borges, Maria Ortiz, Aeroporto, Morada de Camburi, Jardim Camburi, Carapina I, Bairro de Fátima, Antônio Honório, Segurança do Lar, Boa Vista, Mata da Praia e Jardim da Penha (Mingo Jr. 2000: 32).

A urbanização provocou elevado crescimento populacional na região e todo esse processo produziu profundas transformações na paisagem natural e social: importantes trechos de mangue foram aterrados para darem lugar aos conjuntos habitacionais da antiga Cohab-ES. Era preciso acomodar um número cada mais maior de famílias que se deslocavam para a periferia da capital do estado em busca melhores oportunidades de vida. Em meados da década de 1950 foi instalado em Goiabeiras o *campus* da Universidade Federal do Espírito Santo, intensificando o processo de aterramento do mangue e contribuindo para que o impacto desses empreendimentos sobre a área de manguezal atingisse proporções ainda mais catastróficas.

Além disso, surgiram os chamados aterros sanitários, em decorrência dos chamados "lixões", criando espaço para a ocupação irregular que se acentuou a partir da década de 1970, com a implantação do Parque Industrial de Carapina. A desordem causada e complexidade deste processo de desenvolvimento urbano também provocaram transformações em termos de circulação viária. O bairro de Goiabeiras foi cortado pela Avenida Fernando Ferrari, principal via de acesso ao aeroporto Eurico Salles. Por esta avenida circulam diariamente dezenas de linhas de ônibus municipais e intermunicipais que ligam Vitória aos municípios do norte do Estado e intenso fluxo automobilístico. Nela também estão concentrados os principais serviços locais: agências bancárias e de correios, loteria esportiva, padaria, supermercado, farmácias e lojas de artigos diversos – vestuário,

cama e mesa, calçados, móveis e eletrodomésticos.

A comunidade de Goiabeiras Velha fica localizada em estreita faixa do mangue e é considerada por historiadores e pelos próprios moradores o núcleo de ocupação mais antigo daquela localidade. As “famílias tradicionais” que ainda residem lá tiravam o seu sustento do mangue até aproximadamente meados do século passado, mas a poluição e o assoreamento dos canais de mangue provocaram o declínio da atividade pesqueira e extrativista de ostras e mariscos. Algumas senhoras marisqueiras em Goiabeiras, na faixa dos 70 a 90 anos, ainda se lembram da atividade como fonte de sustento de suas famílias.

A partir da década de 1950, estudiosos do folclore capixaba articulados ao Movimento Folclórico, posteriormente Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, e à Comissão Espírito-Santense de Folclore descobriram a comunidade de Goiabeiras Velha, reconhecendo ali um pólo de produção de objetos utilitário em barro (PACHECO, 1975; PACHECO & NEVES, 1977; NEVES, 1978). A excelência das peças caracteriza-se pela técnica de manufatura e pelas matérias-primas empregadas. Estas se justificam pela proximidade do mangue e por importante jazida de argila localizada no Vale do Mulembá, cujo acesso era limitado pelo braço de mangue. Há gerações que o ecossistema manguezal possibilita às artesãs modelarem seus artesanatos utilitários: a argila no Vale do Mulembá, a casca da árvore de mangue vermelho, de onde é preparado o tanino que dá a tonalidade escura às peças, e as folhagens de muxinga, pequeno arbusto de onde se faz a vassourinha de açoitamento das panelas com o tanino emolduram este cenário propiciado pela relação do homem com a natureza. Desta maneira, a atividade de paneleira sempre esteve relacionada aos recursos que o mangue pode lhe oferecer.

A organização social produtiva de caráter familiar tinha na figura do marido, geralmente pescador ou marisqueiro, importante esteio na coleta da matéria-prima e na distribuição da produção do artesanato utilitário produzido na localidade. Como o acesso aos mercados de Vitória era facilmente alcançado pelo braço de mangue que ligava o porto de Goiabeiras Velha à ilha de Vitória, o escoamento das peças era feito através de canoas. Os pescadores e marisqueiros também acessavam a jazida de argila do Vale do Mulembá pelo mangue. A argila coletada pelas famílias era preparada em bolas para o transporte nas canoas até o porto da localidade. Não obstante o ofício de confeccionar panelas de barro ter

se destacado das demais atividades produtivas e manifestações culturais, vale observar que tais expressões da cultura sempre estiveram integradas ao modo de vida das famílias que historicamente ocupam este território. É preciso compreender o "complexo cultural das paneleiras" neste contexto mais abrangente.

Imagine-se em uma das principais vias de acesso ao centro da capital capixaba e, ao desviar em direção ao manguezal que acompanha todo aquele trecho da Avenida Fernando Ferrari, deparar-se com um ambiente residencial e tranquilo, onde circulam poucos carros e pessoas. A maior parte da população é de moradores antigos, que residem há bastante tempo na localidade e possuem alguma relação de parentesco. Nossa idéia da cartografia social foi suscitar o debate sobre os modos de apropriação do espaço social de Goiabeiras Velha, confrontando representações concorrentes. Nesse sentido, as questões dos conflitos relacionados ao assoreamento do mangue ganham centralidade nos discursos sobre a expansão urbana: há o entendimento sobre os interesses de grandes empresários pela localidade e o perigo de novos loteamentos. Requereu-se, por parte dos moradores, uma atuação efetiva das secretarias e órgãos de meio ambiente com vistas a uma ação integrada nas áreas degradadas de mangue, buscando recuperá-las (antigas áreas de aterro com construções irregulares e manilhas de esgoto). Esse trabalho deve levar em conta o conhecimento das paneleiras, dos pescadores e marisqueiros da comunidade de Goiabeiras Velha.

A Oficina de Mapas no contexto da festa de São Benedito: a *cortada*, a *puxada* e a *fincada do mastro* em Goiabeiras Velha.

O Congo é uma expressão cultural muito forte no estado do Espírito Santo, e, em particular, na região metropolitana da Grande Vitória. Segundo Jamilda Alves Rodrigues Bento, atual Presidente da Banda de Congo Panela de Barro, desde as décadas de 1970 e 1980, essa banda atuou primorosamente como um importante agente disseminador da cultura local. Em 2001, Jamilda empenhou-se na revitalização da banda e na retomada dos festejos de São Benedito, cuja expressão e rito de devoção estavam perdendo espaço na comunidade. Além disso, também foram revigoradas outras expressões que estavam adormecidas há mais de uma década, como a Folia de Reis e a brincadeira do boi. Nesse

caso, apesar do Congo e do Reis terem passado por um processo de “desaquecimento” em função da entrada da religião evangélica no bairro, dentre outros fatores de desagregação, observa-se que estas são ainda expressões vigentes e que passaram a estabelecer novos sentidos e significados para os portadores desses saberes.

Pela força do ofício de historiadora, Jamilda Bento procurou os antigos mestres e mestras, as paneleiras que exercem os seus ofícios em fundo de quintal e as benzedeadas, e, num precioso trabalho de história oral, resgatou as letras e melodias, articulou o grupo e remontou a banda. Todo esse processo fortaleceu a coesão do grupo em torno de uma identidade coletiva, pois esses mestres e mestras sentiram-se valorizados nas suas tradições culturais locais. Segundo os depoimentos dos componentes mais antigos da Banda de Congo Panela de Barro, os festejos de São Benedito ocorriam na antiga igreja de São Benedito edificada na atual Av. Fernando Ferrari. Naquela época, as crianças eram vestidas de marinheiros e colocadas dentro do barquinho de São Benedito que seguia em cortejo pelos becos e vielas do bairro. Além desses momentos de festividade e de devoção, o congo também estava presente no dia-a-dia dos moradores. Após a jornada de trabalho, nos momentos em que as paneleiras descansavam de sua árdua atividade produtiva, era costume cantar e dançar o congo em roda animada. Na década de 1940, o antigo paneleiro Arnaldo Gomes Ribeiro formou uma banda de congo no seu galpão de trabalho e neste local guardava os instrumentos musicais e os uniformes dos tocadores e das cantadeiras de congo. No início da década de 1990, um incêndio acidental no galpão do Arnaldo destruiu os instrumentos e uniformes dos tocadores e das cantadeiras, desestruturando o grupo, que ficou uma década sem se reunir. Observa-se, portanto, que o congo e o ofício de paneleira estão intimamente imbricados, fazendo parte do que Celso Perota denominou de “Complexo Cultural das Paneleiras” (PEROTA, 1997).

A Banda de Congo Panela de Barro é composta por mestre, tocadores e cantadeiras, todos eles moradores de Goiabeiras Velha: paneleiras, paneleiros, benzedeadas, marisqueiros, pescadores e trabalhadores dos setores industrial e de serviços. Hoje, boa parte dos componentes da banda é formada por senhores e senhoras da terceira idade. As cantadeiras são filhas, netas e bisnetas de paneleiras e trabalham nesse ofício confeccionando painéis de barro em seus quintais. Os tocadores possuem alguma atividade

formal no mercado de trabalho, ou são aposentados. A entidade possui estatuto jurídico e seus integrantes se reúnem periodicamente, principalmente nos meses de agosto a dezembro, fazendo apresentações pela cidade através de convênio celebrado com a prefeitura de Vitória. Além disso, o grupo é chamado a participar de festivais folclóricos na Grande Vitória e em diversos estados do Brasil.

A Banda de Congo Panela de Barro realiza no mês de dezembro os festejos em homenagem a São Benedito. Escolhe-se o final de semana mais próximo ao dia de N. Sra. da Conceição para a *cortada do mastro*, que corresponde a primeira etapa dos festejos na localidade de Goiabeiras Velha. A responsabilidade pela organização da festa é da Presidência e da Diretoria da referida Associação, integrada pelos próprios brincantes (cantadeiras e tocadores), que preparam com alguma antecedência os uniformes, os instrumentos dos tocadores, a pintura do barco e do mastro de São Benedito e as camisetas com a imagem do santo e o nome do grupo. Na Casa de Congo, os componentes da banda têm acesso aos instrumentos musicais - tambor, casaca, chocalho e triângulo - e ao estandarte de São Benedito. Para a *cortada*, não se faz necessário o uso do uniforme da banda, nem de seu estandarte. Nesta etapa, o percurso restringe-se a poucas ruas do bairro: partindo da Casa do Congo, atravessam o campo de futebol de várzea do clube 3 de Maio F.C., em direção norte. A alguns metros adiante se inicia a procura por uma árvore com os principais quesitos para o seu corte: ser cumprida e retilínea para simbolicamente representar o Mastro do Barco de São Benedito. Inicia-se a derrubada da árvore com um machado, tarefa eminentemente masculina. Concomitante a todo esse processo, as cantadeiras continuam com suas cantorias e os tocadores se revezam na tarefa de cortar a árvore com um machado. Além disso, as cantadeiras recolhem os ramos da árvore cortada e das folhagens mais próximas para levá-las para casa. O contato com a árvore que deu origem ao mastro aparece como uma simbologia carregada de significado.

No dia da festa, enfeita-se o andor de São Benedito que abre o cortejo pelas ruas do bairro de Goiabeiras Velha. Ao longo do percurso, muitos fiéis e algumas pessoas em cadeiras de rodas ou muletas esperam a passagem da banda de congo nos portões de suas casas e aproveitam para agradecer ao Santo as graças alcançadas, reafirmar sua devoção e fazer novos pedidos. Alguns devotos, inclusive, seguem a procissão até a Igreja Matriz para fazerem suas preces diante da imagem de São Benedito e do Mastro e, assim, renovarem

seus votos e pedidos de proteção ao Santo. A *puxada e fincada de mastro de São Benedito* na Igreja Matriz Cristo Redentor ocorrem sempre no dia 25 de dezembro.

Primeiros traçados do mapa de Goiabeiras Velha

A mobilização dos sujeitos sociais para a realização da oficina de mapas teve em Jamilda Bento a principal figura de articulação. A Presidente da Banda de Congo Panela de Barro convidou os componentes da banda para uma nova reunião do Projeto Nova Cartografia Social¹, que se realizou na semana seguinte da *cortada do mastro*. Na ocasião, contatamos os representantes das associações de moradores do bairro, dos marisqueiros e pescadores e das paneleiras. Nessa reunião preparatória para a oficina de mapas, explicamos mais uma vez a finalidade da cartografia social e aproveitamos para organizar o conteúdo da oficina, marcada para os dias 13 e 14 de dezembro de 2008.

Nesta época do ano, os componentes da banda costumam se reunir com mais regularidade para combinarem os detalhes do festejo de São Benedito: desde a confecção da indumentária dos tocadores e das cantadeiras, da reforma e pintura do barco e do mastro, até a logística do percurso pelas ruas do bairro. Nesse sentido, a escolha do período para a realização da oficina de mapas foi uma iniciativa positiva de mobilização dos integrantes para participarem de todo o processo de mapeamento das expressões culturais e ofícios tradicionais da localidade. Reforçamos a importância da participação de todos nesse processo, sem a qual a oficina não alcançaria os seus objetivos, quais sejam, ser um instrumento de afirmação identitária e de reivindicação de políticas públicas para os segmentos sociais ali representados. Além desses considerados primordiais, a oficina também se propunha:

- Registrar, através da documentação fotográfica e fílmica, os múltiplos rituais de afirmação identitária dessa localidade, principalmente os festejos de São Benedito e da folia

¹ O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) é coordenado pelo antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida. Entre os anos de 2005 e 2009, o PNCSA produziu um total de 70 fascículos, 13 livros e 01 mapa síntese referente à área ecológica dos babaquais. Para maiores informações sobre os objetivos e as áreas de atuação do projeto, sugiro entrar no site: <http://www.novacartografiasocial.com>.

de reis;

- Gravar depoimentos com os mestres e mestras (paneleiras, benzedadeiras, congueiros, cantadeiras, marisqueiros e pescadores) sobre as práticas associadas aos seus respectivos ofícios e formas de expressão;

- Realizar o mapeamento dos pontos em GPS dos lugares de celebração das expressões culturais e espaços de produção associados aos ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha;

- Realizar o mapeamento dos pontos em GPS dos lugares (pedras, portos, esteiros e cercados) e conhecimentos associados ao mangue (pontos de extração de mariscos e de pesca).

No decorrer das oficinas de mapas, as pessoas falavam sobre as suas memórias de Goiabeiras Velha: como era a comunidade antes da expansão urbana de Vitória, quando as casas eram de “pau-a-pique, entre trilhas, caminhos e becos sem saída” (Melchiadia, 81 anos). As senhoras paneleiras se lembravam do "tempo dos quintais", quando a ajuda mútua pautava as relações de produção no momento da queima; das festas religiosas associadas à antiga igreja católica; do antigo ponto cultural de Goiabeiras Velha - atualmente o açougue -, onde os blocos carnavalescos se reuniam e era montado um palco para o teatro, apresentação do boi e outras brincadeiras. Falaram também dos antigos mestres e mestras; dos brincantes e festeiros; do mangue e da beleza da força da maré. Discutiram entre si sobre as mudanças e transformações causadas pela expansão urbana, sobre os aterros do mangue e de como Goiabeiras ficou “espremida”. Essa preocupação está presente na fala de mestre Valdemiro Salles, 60 anos:

Discutir o que a gente precisa mais em Goiabeiras? Não temos mais lugar onde botar nada! Para construir aqui tem que desapropriar. Aqui dentro de Goiabeiras nós só temos uma área que a gente pode brigar, que é a do Campo 3 de Maio pra lá. Ali pode ser construído um posto médico. Podemos brigar por isso só naquele lado de lá da Laje Premo. Desapropriar para poder construir; aquela área ali tem espaço. Só que aquela área ali também é valorizada. Existem empresários grandes que se nós não abrirmos o olho vamos ficar achatados, não vamos ter nada. Ali o prefeito falou em fazer um Centro Tecnológico naquela área ali. Só que o tanto de empresários que fizeram a cabeça dele... Nós temos que brigar pela área ali. Eles falam que ali vai ser área de preservação; outros dizem que ali vai ser loteado. Os interesses dos empresários são maiores que os nossos. Nós temos que ficar atentos para impedir isso. Nossa rua não tem lugar para fazer mais nada... Tem que deixar aquele campo, aquela área da Laje Premo. A prefeitura vai investir em um lado só.

Por outro lado, dona Valdelicis Salles, 63 anos, prima de Valdemiro, lembra das melhorias advindas com a expansão da cidade: "aqui só teve a melhorar... Agora tem muito morador aqui através da gente. (referindo-se ao processo de loteamento do Morro do Sales)". Os debates sobre os benefícios e malefícios da cidade e de como os antigos moradores vivem a especulação imobiliária e a perda de seus quintais gerou polêmica entre os participantes da oficina. Mesmo assim, o clima de descontração foi grande, tanto que uma das mestras mais antigas do grupo, Sra. Ergidea do Nascimento, 81 anos, dizia-se cansada após essa dinâmica, pois havia subido e descido morro e percorrido muitas ruas do bairro. Após caloroso debate, foram apresentados os mapas, com muita discussão e relatos emocionados sobre a experiência da construção coletiva de uma representação espacial do bairro.

A construção coletiva do mapa de Goiabeiras Velha e a confecção das legendas parecem confirmar as teorias de Michel Foucault sobre a espacialidade da linguagem. Foucault afirma que a dimensão temporal descreve apenas uma função da sintaxe, mas não o seu ser: "o que permite a um signo ser signo não é o tempo, mas o espaço". E assim resume o seu pensamento: "a linguagem é espaço" (FOUCAULT, 2000, p. 168). Portanto, acompanhar os primeiros traçados dos mapas e toda a discussão gerada a partir desses desenhos me fez a refletir sobre "o valor semântico de cada palavra ou de cada expressão" (*ibid.*) nas representações do espaço social da comunidade de Goiabeiras Velha.

Nos dias que se sucederam a oficina, nosso objetivo foi coletar alguns depoimentos mais consistentes sobre os ofícios e expressões culturais da localidade, além de explorar a questão dos conflitos relacionados à expansão urbana e ao constante aterramento e assoreamento do mangue. Outra preocupação foi documentar através de registro fotográfico e fílmico as principais etapas dos festejos de São Benedito e da folia de reis, ambos ligados às práticas de caráter votivo-religioso, entrevistando o mestre, as cantadeiras, os tocadores sobre as práticas e significados adquiridos. Preocupamo-nos também com as representações das crianças sobre as ruas e seus espaços de brincadeira. A Banda de Congo também reúne crianças, geralmente, netos, sobrinhos e até mesmo vizinhos. Tivemos no primeiro dia da oficina a presença de membros do Congo Mirim, que construíram suas representações sobre o bairro, esboçando alguns desenhos com as brincadeiras de rua.

As narrativas sobre a expansão urbana ganharam assim um sentido de conflito: há o

entendimento sobre o interesse de grandes empresários pela localidade e o perigo de novos loteamentos, a degradação do meio ambiente e que o conhecimento sobre o ecossistema sempre fez parte do cotidiano dos moradores da localidade, e está presente no depoimento de Dona Elizete Salles, 76 anos:

O mangue preto a gente tirava junto com o vermelho para tingir o couro. Aqui tinha o curtume. A casca era para fazer o tanino junto com o mangue preto. O couro depois de curtido era para fazer sapato, cinto, essas coisas... O mangue vermelho também serve pra açoitar panela... Esteiro era a passagem de canoa e onde a gente tirava ostra. Cada um tem um nome próprio pra gente ir. Eu andava com papai no mangue. A gente botava rede de arrasto e rede de cerco no mangue. Nós, os antigos... A gente, sim, era manguista: comadre Ilza, comadre Maria... Nós ia no mangue pra viver, tirava marisco pra viver. Agora, eu não vou mais no mangue. Só vou pra tirar ostra e sururu pra fazer a torta uma vez por ano. Antes não, eu ia direto no mangue pra tirar ostra. Meu trabalho era tirar ostra de dia e fazer panela à noite. Eu ia pra Vila Velha vender as ostras. Eu contava as casas e tinha um monte de comprador. Eu também fazia lenha, tanto na UFES e no areal que ficava no Tubarão.

Os ofícios tradicionais em Goiabeiras são atividades sociais e produtivas fortemente relacionadas ao ecossistema manguezal, como os de paneleira e de marisqueiro. O grupo preocupou-se em localizar os portos, esteiros e cercados, nomear as pedras, indicar os lugares de aterro, os antigos e atuais pontos de pesca. A iniciativa do mapeamento social em Goiabeiras Velha pautou-se pelo reconhecimento e valorização dos conhecimentos tradicionais associados ao meio ambiente e às práticas populares que esses agentes sociais detêm. Nosso papel em todo o processo de condução das oficinas foi o de facilitadores no sentido de propiciar as “condições de possibilidades” para o debate e o livre pensar desses agentes, que foram construindo suas representações sobre a espacialidade e as relações com o poder público local. A pergunta feita foi: o que pretendem reivindicar com esse instrumento cultural e político? Resumidamente, a pauta de reivindicações propõe políticas públicas de saúde, de geração de emprego e renda através do artesanato e da valorização dos ofícios tradicionais e expressões culturais e para a terceira idade e de um projeto de educação ambiental para o ecossistema manguezal. Requereu-se uma atuação efetiva das secretarias e órgãos de meio ambiente com vistas a uma ação integrada nas áreas degradadas de mangue, buscando recuperá-las (antigas áreas de aterro, crescente poluição, construções irregulares e manilhas de esgoto). Esse trabalho deve levar em conta o conhecimento das paneleiras, dos pescadores e marisqueiros da localidade.

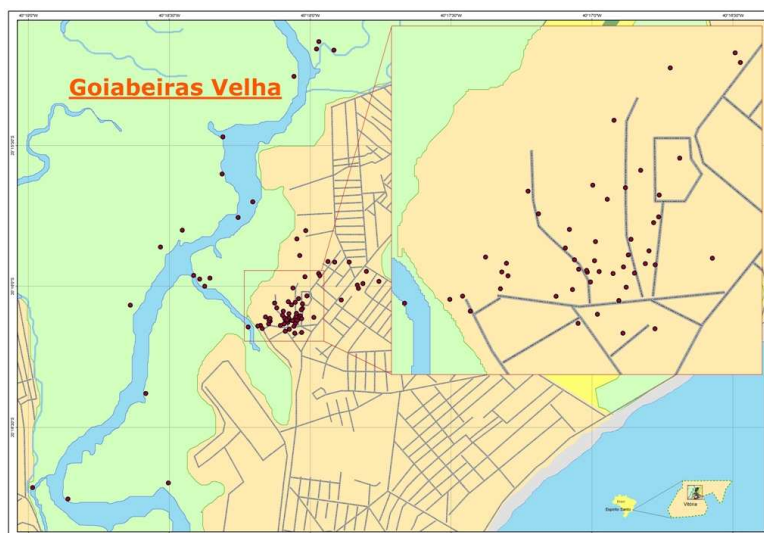


FIGURA 1

Mapeamento sociocultural e ambiental de Goiabeiras Velha, Vitória/ES

A consolidação da relação de pesquisa e a produção do fascículo.

Devo reconhecer que a experiência na condução da oficina de mapeamento social aprofundou o meu conhecimento sobre a comunidade, consolidando antiga relação de pesquisa com determinado grupo social de *famílias tradicionais* de paneleiras². Nos depoimentos de Dona Elizete Sales, Dona Ilza Barboza e Dona Izabel Corrêa, evidenciavam-se os saberes e conhecimentos associados ao mangue e as práticas relacionadas ao sistema de entreajuda, que tornava o ofício de paneleira menos pesado e a *mão invisível* do mercado uma ameaça menos presente. Os pescadores e marisqueiros viram na cartografia um importante instrumento de reivindicação e de visibilidade. Afirmam que a categoria é pressionada a seguir a agenda dos órgãos ambientais, tais como o período de defeso do caranguejo, mas não recebem qualquer tipo de apoio ou incentivo às suas atividades.

Vale destacar a construção da categoria política "visibilidade", expressa em diversas

² SIMÃO, Lucieni de M. **A Semântica do Intangível. Considerações sobre o registro do ofício de paneleira do Espírito Santo**. Niterói: tese de doutorado, PPGA/UFF, 2008. Este trabalho foi agraciado com o primeiro prêmio do Concurso Sílvia Romero 2009, promovido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNFCP/IPHAN).

ocasiões da oficina de mapas. Tomados pela perspectiva de trabalho do Projeto Nova Cartografia Social, os sujeitos sociais procuram dar visibilidade a luta por seus “territórios tradicionalmente ocupados” (ALMEIDA, 2006), afirmando, nesse processo, suas identidades coletivas. Bourdieu (1997) chama a atenção para a complexidade das relações de pesquisa e para a importância de se estabelecer uma comunicação "não violenta" com os entrevistados e informantes. Para minimizar tais dissimetrias, o pesquisador deve desenvolver uma "relação de escuta ativa e metódica", atributos de uma *reflexividade reflexa* baseada em um olhar "sociológico" (BOURDIEU, 1997, p. 694 - 695), em que predominam as representações que os pesquisados imprimem “e querem dar e se dar deles mesmos”.

Objetivou-se com as oficinas construir novos conhecimentos baseados em pesquisa etnográfica, procurando evitar ao máximo as dissimetrias decorrentes das distâncias sociais, linguísticas e culturais. Sabemos das dificuldades em romper os paradigmas clássicos da ciência, expressos sobretudo pela linguagem erudita, pelo empirismo e pelo método classificatório. Apesar da perspectiva *relativizadora* tão característica do pensamento antropológico, ainda são frequentes as hierarquizações de saberes e as apropriações dos conhecimentos tradicionais e populares. Essa reflexão me fez introjetar esse processo de concepção da “cartografia social”, que se realiza na “relação de pesquisa” e que deve ser de respeito, valorização e de troca. A atitude reflexiva adotada possibilitou o exercício da não hierarquização dos conhecimentos acadêmicos sobre os saberes tradicionais propiciando autonomia e voz aos agentes sociais locais.

Para a elaboração do fascículo, houve muito trabalho de mobilização, de idas e vindas dos mapas, fotos e depoimentos. O mapa sofreu pequenas alterações na etapa da revisão do material editado de acordo com a demanda do grupo, sendo ressignificado pelos agentes sociais que o produziram e o reproduziram. As oficinas de mapa ocorreram na medida em que o diálogo com o grupo foi consolidado, apesar da dinâmica que envolve todo esse processo. Todo o material etnográfico foi reproduzido para o grupo: filmagens, fotografias, depoimentos e caderneta de campo. Apenas os croquis dos mapas desenhados foram enviados à Sede do PNCSA, em Manaus, sem ter sido feita uma cópia de segurança. A última oficina é o retorno para a comunidade do produto e pressupõe, desse modo, a

revisão conjunta dos textos, das fotos e do mapa. Esta dimensão ética na abordagem das relações (consigo e com os outros) constitui um desafio renovado em cada relação de pesquisa, nas reuniões preliminares e no processo de produção das oficinas e dos fascículos.

Na última década, percebe-se um crescente interesse das agências governamentais e não-governamentais pela metodologias ditas "participativas" na avaliação dos impactos socioambientais e culturais, principalmente aquelas instituições que trabalham com processos de territorialização, memória e patrimônio. Observam-se, no entanto, que essas agências permanecem frustradas em suas ações de salvaguardar os direitos territoriais e os patrimônios culturais de grupos e comunidades tradicionais. Essas demandas explicam-se, em parte, pela pressão dos movimentos sociais, que, sentindo-se invisibilizados e silenciados, querem ser os protagonistas e reivindicam acesso ao território e às suas expressões culturais. No caso da experiência com o fascículo de Goiabeiras Velha, a cartografia significou uma estratégia de reivindicação desses grupos pelo espaço social do território cultural de Goiabeiras Velha, múltiplo em sua diversidade e manifestações culturais.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo. W. B. de. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

BOURDIEU, Pierre. “Compreender”. In: Pierre Bourdieu et. al. (org.) **A Miséria do Mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. “Linguagem e Literatura”. In: Roberto Machado (org.). **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MINGO JR. N. **Goiabeiras**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

NEVES, Guilherme S. **Folclore brasileiro:** Espírito Santo. Rio de Janeiro: FUANRTE, 1978.

PACHECO, Renato. J. C. “Goiabeiras: terra de panela de barro”. **Cadernos de Etnografia**

e **Folclore**, n. 5, Vitória, Espírito Santo, 1975.

PACHECO, R.; NEVES, L. G. S. **Índice do Folclore Capixaba**. Vitória: Banestes, 1977.

PEROTA, Celso. “As Paneliras de Goiabeiras”. **Série Memória Viva**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

SIMÃO, Lucieni de M. **A Semântica do Intangível**. Considerações sobre o *registro* do ofício de paneleira do Espírito Santo. Tese de Doutorado. Niterói, PPGA/UFF, 2008.